

Mais três índios se suicidam

Pelo menos um índio morre a cada 45 dias por suicídio nas aldeias do Estado

Três suicídios de índios guarani-caiua foram registrados somente este ano na reserva Caarapó, no município de mesmo nome, onde até 91, a média era de apenas um caso a cada 12 meses. Segundo levantamento da psicóloga da Funai Maria Aparecida da Costa Pereira, que trabalha desde 1986 com a questão, foram registrados pelo menos 146 suicídios de caiua ao longo dos últimos 18 anos no Mato Grosso do Sul — um a cada 45 dias — além de 25 tentativas conhecidas. O número de índios que tiraram suas próprias vidas é equivalente a uma aldeia inteira como, por exemplo, a da reserva Guassuty, em Aral Moreira.

A primeira grande onda de suicídios entre os índios caiua da reserva de Dourados ocorreu em 1.986, quando foram registrados 20 casos consumados. De 1.973 (desde quando a psicóloga possui dados) até 86, a média anual era de cinco suicídios, um número considerado "normal" dentro das tradições culturais caiua. De 87 a 89, o número voltou a cair para cinco anuais. Um novo salto ocorreu em 90.

A psicóloga Maria Aparecida considera que em 90 houve um verdadeiro "surto" de suicídios. Em Dourados, 20 índios se mataram, e mais 11 tiraram suas vidas em outras reservas dos caiua. Naquele ano também ocorreu o maior número de tentativas não-consumadas, 31 somente em Dourados. No ano passado, houve um decréscimo, embora não muito significativo. Quatorze índios se mataram na reserva douradense, e outros 13 tentaram tirar suas vidas.

Em 92, o ritmo de casos novamente assusta. De janeiro para cá, seis índios se mataram: três em Dourados e três na reserva da Caarapó. A psicóloga da Funai debruçou-se no estudo dos três casos em Dourados. Eram todos amigos e trabalhavam como bóias-frias numa fazenda da região. Um deles suicidou-se em janeiro na fazenda, e os outros dois retornaram para a reserva logo depois. Um, transtornado com a morte do primeiro, acabou também se enforcando. O terceiro ficou sabendo da nova morte, foi ver o corpo e teve um choque. Um ou dois dias depois, este tam-



(Foto Valdenir Rezende)

A psicóloga da Funai está preocupada com a reação dos índios

bém tirava sua vida.

O triplice suicídio dos amigos caiua ilustra de forma trágica o que, para a psicóloga, tem se convertido numa das causas dos suicídios: o desenraizamento, a perda de valores culturais próprios. Ele mostra um dado revelador: 85% dos casos consumados são de índios que trabalhavam ou já tinham trabalhado, há

pouco tempo, em fazendas da região como funcionários braçais. Quando o índio sai da aldeia, há uma quebra na sua cultura. "O índio pratica sua religião quando está na aldeia. O próprio fato de estar pisando o solo de seus ancestrais, já é uma forma de ritualização", explica a psicóloga da Funai.

Fora da aldeia, o índio se enfraquece, há o que se poderia chamar de "descontrole espiritual". Soma-se a isso toda a conjuntura sócio-econômica nas aldeias. Na de Dourados, são 1.800 índios espremendo-se em apenas 3.560 hectares. Não à toa, o maior índice de suicídios ocorre entre dezembro e janeiro, período da entressafra nas grandes fazendas, e os índios são dispensados para voltarem às aldeias. "São meses cruciais. Todos estão nas aldeias, e ali aflora com a força a falta de perspectiva da população", diz Aparecida.

Muitos índios, durante o trabalho nas fazendas, acabaram por perder os referenciais, os modelos culturais; empenhados apenas em arar, plantar e colher. O ambiente nas aldeias fica tenso

especialmente para os mais jovens, a maioria dos suicidas. Então a morte passa a ser um drástico projeto de vida. "Eles acham que, ao se matarem, estão deixando que o outro viva melhor". Os suicídios acabam por se tornar uma lição para os vivos. "Esses caiua não conseguem transitar na cultura dos brancos, e resistem para não se integrarem".

A Funai tem agido com precaução quanto aos suicídios. Segundo a psicóloga, o órgão não pode impor um mecanismo alternativo para fugir da crise de valores. "O suicídio foi o mecanismo que muitos deles encontraram; então eles mesmos devem encontrar uma outra forma de enfrentar a situação". A psicóloga desde 86 acompanha a situação na reserva de Dourados, designada pela Funai especialmente para cuidar do caso. Segundo ela, já surgem bons frutos desse trabalho, no aspecto preventivo. "Eles passaram a me procurar quando sabem que alguém está com a idéia de suicídio". Nesses contatos, Aparecida conseguiu que muitos índios desistissem de tirar suas próprias vidas.

CEEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio do Estado*

Class.: 756

Data: 26.02.92

Pg.: 11